

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-941-7

DOI 10.22533/at.ed.417211504

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Identidade de gênero. 4. Diversidade sexual. 5. Educação. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 372.372

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores e leitoras;

“Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”.

(Guacira Lopes Louro)

As discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade não é recente, mas, ganha contornos importantes a partir dos anos 60, com os movimentos de “contracultura”, os movimentos feministas, com a luta dos direitos da comunidade LGBTQIA+ e com a sistematização e ampliação teórica-metodológica de diversas pesquisas acadêmicas, especialmente as do campo da Educação.

Assim, pode-se entender que Gênero e Sexualidade é uma construção social, cultural e histórica que se constituem como assuntos amplos presentes em diversas instâncias da sociedade, embora ainda sejam permeados por diversos “tabus” (principalmente na contemporaneidade).

Discutir questões sobre Gênero e Sexualidade, em especial no campo da Educação, se mostra como um mecanismo potencializador de emancipação dos sujeitos em sociedade, uma vez que oportuniza um aprendizado em relação à vida sexual, a combater formas de preconceito e opressão nas relações sociais.

Nesse sentido, o livro **Educação Sexual, Sexualidade e Gênero e Diversidade Sexual: Trilhando Caminhos para uma Educação Emancipadora 2**, reuni, ao longo de 13 capítulos, discussões contemporâneas, críticas e necessárias para o debate acerca das discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade, sobretudo em um contexto de forte conservadorismo político e religioso.

Os textos aqui apresentados estão organizados de forma sistematizada e pedagógica, e são apresentados dentro dos principais eixos: Educação; Envelhecimento, Feminismo, Patriarcado, dentre outros aspectos que permitem aos leitores e leitoras um momento de grande reflexão em torno das questões de Gênero, Sexualidade e Diversidade.

Espera-se que os textos aqui reunidos possam contribuir para ampliação dos debates acerca das categorias de Gênero e Sexualidade em diversas instâncias sociais, sobretudo no campo da Educação que é tido como um espaço de suma importância para formação, discussões e acessos a informações para os debates de gênero, sexualidade, diversidade sexual, masculinidades, feminilidades, entre outras categorias de suma importância social.

Desejamos a todos e todas, uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CONFLITOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Neide Abadia Carneiro

Viviane Aparecida da Silva Paiva

Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra

Anaiara Lourenço da Silva

DOI 10.22533/at.ed.4172115041

CAPÍTULO 2..... 16

O DISCURSO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA

Lucyélen Costa Amorim Pereira

Andréa Ferreira da Costa

Adriana de Medeiros Marcolano Thebas

Mayara Cazadini Carlos

DOI 10.22533/at.ed.4172115042

CAPÍTULO 3..... 25

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: MITOS E TABUS

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa

Silvana Barbosa Mendes Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.4172115043

CAPÍTULO 4..... 38

ENVELHECIMENTO FEMININO E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Daniela Soares da Silva

Simone Pereira da Costa Dourado

DOI 10.22533/at.ed.4172115044

CAPÍTULO 5..... 49

ENTRE COSTUMBRES Y RUPTURAS

Nancy Zárate Castillo

Gloria Patricia Ledesma Ríos

DOI 10.22533/at.ed.4172115045

CAPÍTULO 6..... 61

COISAS QUEBRADAS: AFETIVIDADES DESVIANTES

Ludmila Castanheira

Lua Lamberti de Abreu

DOI 10.22533/at.ed.4172115046

CAPÍTULO 7	67
GÊNEROS, VULNERABILIDADES E OPRESSÕES: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E DA OBRA NAVALHA NA CARNE, DE PLÍNIO MARCOS	
Julia de Albuquerque Barreto	
Lucas Henrique de Lucia Gaspar	
DOI 10.22533/at.ed.4172115047	
CAPÍTULO 8	85
NOTAS PRELIMINARES SOBRE CAPITALISMO E PATRIARCADO: O DEBATE ENTRE A TEORIA UNITÁRIA E O FEMINISMO MATERIALISTA	
Clara Gomide Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.4172115048	
CAPÍTULO 9	97
A (IM)POSSIBILIDADE DE OBJECÃO DE CONSCIÊNCIA DOS MÉDICOS NA UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA POR PESSOAS HOMOSSEXUAIS, SOLTEIRAS E TRANSGÊNERAS: UMA PERSPECTIVA CONSTITUCIONAL INSPIRADA NA TEORIA RAWLSIANA DE JUSTIÇA COMO EQUIDADE	
Iara Antunes de Souza	
Priscilla Jordanne Silva Oliveira	
Rafaela Fernandes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4172115049	
CAPÍTULO 10	110
SAÚDE E SEXUALIDADE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NOS DOMÍNIOS DO CROMÁTICO DISCURSIVO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO	
Claudemir Sousa	
Vandiel Barbosa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.41721150410	
CAPÍTULO 11	127
TRANSFOBIA E AS POLÍTICAS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL	
Fernando dos Santos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.41721150411	
CAPÍTULO 12	140
A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	
Nathan Nahas	
Matteo Henrique Sartore	
Letícia Oliveira Lima	
Beatriz dos Santos Rissi	
Barbra Kei Yaguiui Knorst	
Cristina Landgraf Lee	
DOI 10.22533/at.ed.41721150412	

CAPÍTULO 13.....	154
O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL COMO UM MECANISMO DE REFORÇO DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO UNIVERSO FEMININO	
Thalita Araújo Silva	
Yollanda Farnezes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.41721150413	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	166
ÍNDICE REMISSIVO.....	167

CAPÍTULO 3

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: MITOS E TABUS

Data de aceite: 01/04/2021

Mylene Menezes de França

<http://lattes.cnpq.br/7712380189574088>

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

<http://lattes.cnpq.br/5085913131028774>

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa

<http://lattes.cnpq.br/3970529827472582>

Silvana Barbosa Mendes Lacerda

<http://lattes.cnpq.br/2365640272877795>

RESUMO: A sexualidade é um tema que nem sempre é tratado com abertura e neutralidade pelo sujeito, uma vez que essa matéria remete a cada um independentemente da idade, sexo, cor ou religião, a experiências pessoais íntimas, oriundas, na maioria das vezes, do inconsciente e da incompreensão acerca do seu entendimento. A curiosidade, o preconceito e os tabus despertados por esse tema sempre estiveram presentes no decorrer da história. No entanto, assumiu diferentes significados à medida que os relacionamentos, as circunstâncias do meio e a cultura sofreram alterações significativas. Vale ressaltar que sexualidade humana é uma construção cultural, que surge a partir do contexto sociocultural em que o sujeito se encontra inserido. Todavia, a sexualidade na terceira idade é um tema comumente negligenciado, pouco discutido e entendido pela sociedade, pelos idosos e por profissionais da saúde. Em linhas gerais, a relação sexual tem sido considerada uma atividade própria, e quase monopólio das

pessoas jovens, com boa saúde e fisicamente atraentes. A ideia de que as pessoas de idade avançada também possam manter relações sexuais não é culturalmente aceita, preferindo-se ignorar e fazer desaparecer do imaginário coletivo a sexualidade da pessoa idosa. Nesse cenário, a sexualidade na terceira idade será tratada nesse capítulo, demonstrando que apenas dos mitos e tabus culturais, a velhice conserva a necessidade psicológica de uma atividade sexual continuada, não havendo idade determinante para o fim do sexo ou desejo.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Terceira Idade; Tabu.

ABSTRACT: Sexuality is a theme that is not always treated openly and neutrally by the subject, since this matter refers to each person, regardless of age, sex, color or religion, to intimate personal experiences, originating, most of the time, from the unconscious and the incomprehension about your understanding. Curiosity, prejudice and taboos aroused by this theme have always been present throughout history. However, it took on different meanings as relationships, environmental circumstances and culture underwent significant changes. It is worth mentioning that human sexuality is a cultural construction, which arises from the socio-cultural context in which the subject is inserted. However, sexuality in old age is a commonly neglected topic, little discussed and understood by society, the elderly and health professionals. In general, sexual intercourse has been considered an activity of its own, and almost a monopoly of young people, in good health and physically

attractive. The idea that elderly people can also have sexual relations is not culturally accepted, preferring to ignore and make the sexuality of the elderly disappear from the collective imagination. In this scenario, sexuality in old age will be dealt with in this chapter, demonstrating that despite the myths and cultural taboos, old age preserves the psychological need for continued sexual activity, with no determinant age for the end of sex or desire.

KEYWORDS: Sexuality In The Third Age: Myths And Taboos.

SEXUALIDADE LINHAS GERAIS

A sexualidade é um tema que nem sempre é tratado com abertura e neutralidade pelo sujeito, uma vez que essa matéria remete a cada um independentemente da idade, sexo, cor ou religião, a experiências pessoais íntimas, oriundas, na maioria das vezes, do inconsciente e da incompreensão acerca do seu entendimento.

A curiosidade, o preconceito e os tabus despertados por esse tema sempre estiveram presentes no decorrer da história. No entanto, assumiu diferentes significados à medida que os relacionamentos, as circunstâncias do meio e a cultura sofreram alterações significativas.

Cumprir mencionar que a sexualidade não deve ser entendida simplesmente como atividade sexual, embora represente uma das suas mais importantes dimensões e muitas vezes ainda se use, no senso comum, os dois termos como sinônimos. Fernandes (2009), sexo é sinônimo de gênero, vale dizer, sua determinação restringe-se apenas ao aspecto anatômico, não determinando, nem explicando a sexualidade em seu sentido mais amplo.

Para Ceccarelli (2010), apesar da crescente evolução observada ao longo dos anos nas ciências humanas e nas áreas tecnológica e científica, concepções acerca da sexualidade ainda são permeadas por especulação, preconceitos e tabus. Embora a revolução sexual dos anos sessenta e os inúmeros movimentos objetivando o reconhecimento dos direitos humanos e da livre expressão sexual tenham mudado o cenário social, a sexualidade continua sendo um enigma para o ser humano e objeto de muitas discussões.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) a sexualidade se caracteriza como uma energia que motiva a encontrar o afeto, entendido como um contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas se tocam e são tocadas.

Na visão psicanalítica, sexualidade não é sinônimo de sexo e, tampouco, está ligada unicamente aos órgãos genitais. Conforme preceitua Laplanche e Pontalis (2008):

Sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas a toda uma série de excitações e atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual (p.476).

O estudo da sexualidade humana foi fortemente marcado pelas teorias freudianas, haja vista que a psicanálise exerceu um papel decisivo no ocidente para explicar e conceituar a sexualidade.

Freud (1905) apresenta neste ensaio teórico, que ser homem ou mulher estava longe do alcance da anatomia, pois a sexualidade humana seria construída a partir das primeiras nomeações no percurso da vida de cada ser humano. Portanto, a assunção, em ambos os sexos, de uma posição feminina ou masculina ocorreria no final de uma série de investimentos libidinais e identificações com o casal parental.

De acordo (Kahhale, 2015, p. 221), a sexualidade é fundada “não só como uma questão genética, mas principalmente como expressão das condições sociais, culturais e históricas nas quais esse indivíduo está inserido” Vale ressaltar que a sexualidade vai além do ato sexual, moldando-se de acordo com o que a pessoa vivencia ao longo da vida.

Vale ressaltar que sexualidade humana é uma construção cultural, que surge a partir do contexto sociocultural em que o sujeito se encontra inserido. Todavia, a sexualidade na velhice é um tema comumente negligenciado, pouco discutido e entendido pela sociedade, pelos idosos e por profissionais da saúde.

Em linhas gerais, a relação sexual tem sido considerada uma atividade própria, e quase monopólio das pessoas jovens, com boa saúde e fisicamente atraentes. A ideia de que as pessoas de idade avançada também possam manter relações sexuais não é culturalmente aceita, preferindo-se ignorar e fazer desaparecer do imaginário coletivo a sexualidade da pessoa idosa. Apesar desses preconceitos e tabus culturais, a velhice conserva a necessidade psicológica de uma atividade sexual continuada, não havendo idade para que os pensamentos sobre sexo ou o desejo acabem.

SEXUALIDADE E TERCEIRA IDADE

Estudar a sexualidade dos idosos se faz extremamente necessário haja vista, que 2015 a população mundial com 60 anos ou mais era de 900 milhões, e espera-se que em 2050, chegue a dois bilhões. Atualmente, 125 milhões de pessoas têm 80 anos ou mais (OPS, 2018).

Devido a um crescimento populacional de pessoas envelhecendo é que surge a necessidade de estudos sobre a sexualidade na terceira idade. Afinal estima-se que até o ano de 2025, o Brasil será o sexto país em população de idosos segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Idosos representa um contingente de quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade (8,6% da população brasileira). Também foi possível averiguar que a população “mais idosa”, ou seja, de setenta e cinco anos a mais, também está aumentando, alterando a composição etária dentro do próprio grupo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima que em 2034 o quantitativo de pessoas com idade superior a 65 anos chegue a 15% da população,

em 2046 essa estimativa alcance 20%, e em 2060 a taxa de idosos acima de 65 anos chegará a 25,5%, e junto a esse aumento estão os índices de morte por doenças crônicas não transmissíveis (ALVARENGA; BRITO 2018).

O envelhecimento da população torna-se um problema quando a sociedade não está preparada para o seu próprio envelhecimento, apresentando atitudes negativas em face de esta fase da vida. Cada vez mais presentes na sociedade moderna, os idosos se beneficiam dos avanços da medicina promovendo a queda da taxa de mortalidade, aumentando a expectativa de vida o que, resulta no crescimento da população de pessoas na terceira idade (ARAÚJO, 2012).

Nesse contexto, a história construiu o mito de que a velhice é assexualizada, tendo como referência o adulto viril. No envelhecer é natural que ocorrerão mudanças físicas decorrente do processo de desenvolvimento do ser humano em sua trajetória existencial, qual processo requer adaptações devido às mudanças fisiológicas decorrentes deste processo, a fim de manter a capacidade funcional e autonomia da pessoa idosa (ALVES, 2019).

Contudo, na última década, alguma mudança com respeito à sexualidade tem permitido um aumento do número de idosos que buscam ajuda e tratamento para suas eventuais dificuldades sexuais. Nos idosos, a função sexual está comprometida em primeiro lugar, pelas mudanças fisiológicas e anatômicas do organismo produzidas pelo envelhecimento. São mudanças fisiológicas que devemos distinguir das alterações patológicas na atividade sexuais causadas pelas diferentes doenças, e/ou por seus tratamentos. Os estudos sobre o tema demonstram que a maior parte das pessoas de idade avançada é perfeitamente capaz de ter relações sexuais, e de sentir prazer nas mesmas atividades que se entregam as pessoas mais jovens (UCHÔA et all. 2016).

Assim, a sexualidade, antes entendida como um conjunto de atos vinculados à relação sexual e em especial à procriação teve o seu conceito alargado a partir das descobertas de Freud a respeito da sexualidade infantil. Suas descobertas foram um divisor de águas, uma vez que para ele, a sexualidade infantil continha uma acepção muito mais ampla que a genital, ou seja, as crianças seriam também sexualizadas e não apenas os adultos, na medida em que seriam permeadas desde sempre pelas pulsões sexuais. (ARCOVERDE; LABRONICI; VELHO; 2006).

A tese de Freud (1905), afirma o conceito de saúde sexual e anuncia a dissociação progressiva do conceito de reprodução, o que coloca em evidência a autonomização da vida sexual e sua importância para a realização e o bem-estar dos indivíduos durante toda a vida.

O período de envelhecimento é associado a decadências sexual das pessoas idosos, considerada inexistente juntamente com a pressão social exercida sobre os mesmos, torna a sexualidade reprimida, o coibindo a vida sexual de grande parte dessa classe etária. Com isso, muitas vezes os idosos deixam suas vontades e desejos de lado

por medo e sentimento de culpa para com a sociedade, que ainda hoje manifesta um grande preconceito em relação a essa fase da vida (VIEIRA et al 2016).

Mitos e tabus socioculturais acerca da sexualidade na terceira idade inibem os idosos de exercer a sua vida de forma integral. Envelhecer não significa tornar-se assexuado, porém os estigmas sociais, preceitos religiosos e opressão familiar fortalecem esses preconceitos inibindo as possibilidades de exercerem sua sexualidade (BERNARDO E CORTINA. 2012).

Segundo o Caderno de Atenção Básica do Ministério da Saúde aponta a presença de disfunção erétil nos homens e disfunção sexual nas mulheres, essas modificações físicas provocam redução da libido sexual e lubrificação. As mudanças naturais do envelhecimento podem interferir negativamente na expressão da sexualidade.

Na contemporaneidade com a conquista tecnológica dos hormônios sintéticos, surge a possibilidade não apenas da contracepção, mas, a terapia de reposição hormonal que promove a manutenção da função sexual prazerosa após a menopausa. Medicamentos como, sildenafil e o tadalafil vieram promover uma melhora na qualidade da vida sexual dos homens com disfunções advindas de algum transtorno ou provocadas pelo envelhecimento.

Portanto, os progressos da medicina minimizam as barreiras biológicas que dificultavam a manutenção da atividade sexual na segunda metade da vida. Espera-se que junto com a dilatação da esperança de vida e do progresso científico e técnico que o homem tem sido capaz de pôr em marcha, haja uma evolução social e cultural e uma mudança das mentalidades capaz de integrar a sexualidade das pessoas idosas harmoniosamente.

Ao contrário do que se pode pensar, a velhice é uma idade tão frutífera como qualquer outra no que se refere à vivência do amor e à questão da prática da sexualidade. Infelizmente, existem muitos mitos que dificultam a compreensão de como a vivência do amor e da sexualidade está relacionada com pessoas de idade avançada.

A vivência da sexualidade na terceira idade precisa ser compreendida partindo do início de que ela se compõe da totalidade deste sujeito, devendo ser visto como todo em todas as idiosincrasias (ALENCAR et al., 2014).

Em busca de promover uma valorização do envelhecimento ativo e produtivo a educação em saúde se faz necessária contribuindo na qualidade de vida dos idosos

Nessa perspectiva, os profissionais de saúde devem estar preparados durante o atendimento para que os idosos se sintam à vontade para conversar, explicitando as orientações em prol da promoção da saúde dos mesmos em todos os níveis de atenção.

Assim, o esclarecimento acerca das informações distorcidas que se difundem em relação à sexualidade e ao amor pode contribuir para a diminuição das crenças e tabus sobre um assunto tão permeado por preconceitos.

SEXUALIDADE, ENVELHECIMENTO, MITOS E TABUS

O sexo se apresenta como um verdadeiro enigma no qual os indivíduos buscam solução desde os primórdios, o que atenta para o fato de tal assunto despertar a curiosidade de leigos e estudiosos, que procuram das mais variadas formas entender a trama de elementos na qual está envolto este tema. É suposto que a sexualidade é um constante devir que se inicia desde o ato de sugar o seio da mãe e encontra seu ápice na relação sexual propriamente dita.

A sexualidade faz parte da vida do sujeito e está diretamente relacionada ao seu desenvolvimento global, constituindo um dos elementos de sua personalidade. Portanto, de algum modo os relacionamentos, como o equilíbrio emocional e a manifestação de sentimentos do indivíduo, dependem de uma adequada evolução da sexualidade (COSTA et al., 2012).

De acordo com Salles 2010 a sexualidade não se limita ao ato sexual e por vezes é reduzida ao ato de reprodução. Todavia, podemos afirmar que genitalidade é apenas um de seus aspectos, talvez nem mesmo o mais importante. Assim, dentro de um contexto mais amplo, pode se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte.

Ao adentrarmos na história em busca de uma melhor compreensão de como a sexualidade humana foi construída, observamos que seu significado sofreu mudanças de acordo com o contexto histórico de cada época. As questões de gênero apresentam diferenciações notórias enquanto aos homens são estimuladas a uma vida sexual desde a adolescência as mulheres devem aguardar a iniciação sexual após o casamento. Essa distinção é carregada de repressão, preconceitos, e estigmatização em relação ao direito sexual. Assim, a sexologia, com o desenvolvimento científico, tenta extinguir certos mitos e preconceitos (ABDO, 1997; BARBOSA, 1998; NAVARRO, 2010).

Apenas a partir do século XX que o prazer começou a tomar um papel mais centralizado na vida sexual dos indivíduos, os quais principiaram a entender o sexo como uma atividade que vai muito além da concepção. Tudo isso sob o auxílio dos diversos movimentos sociais que promoviam a liberdade sexual e quebra de valores arcaicos e repressores.

Kahhale (2015), afirma que a sexualidade é uma questão sócio cultural em que o sujeito está inserido e faz a reflexão, que a sexualidade vai além do ato sexual e que a mesma é construída com as experiências vividas pelo sujeito.

A revolução sexual nos anos 1960 produziram importantes mudanças no comportamento sexual de nossas sociedades. Todavia, os valores morais, sociais e sexuais, ainda estão presentes de forma camuflada, quando observamos que adultos continuam presos a conceitos moralistas e arcaicos e se negam ao prazer sexual e intimidade com seu parceiro (BRUNO, 1998; STEARNS, 2010).

Desde tempos remotos até os nossos dias, a mulher e o desenvolvimento da sua sexualidade, sofreram profundas e progressivas modificações. Nos tempos antigos a sexualidade para a mulher resumia-se ao ato sexual propriamente dito, como a única finalidade de reprodução. Ter desejo sexual, expressar sua sexualidade, era terminantemente vetado as mulheres (VALAS, 1994; FRANÇA, 2005; STEARNS, 2010).

A repressão à sexualidade feminina se manteve presente nas civilizações por muito tempo. Todavia, na era contemporânea, quando a ciência começou a se interessar por questões que envolviam esse tema, surgiram novas ideias a respeito da sexualidade humana, na qual o sexo passou de uma simples função reprodutiva e de poder para uma representação além dos órgãos reprodutivos, ou seja, o sexo também como função na constituição da personalidade e lugar do sujeito na sociedade.

Segundo França (2005), foi com advento da revolução industrial que precisou da mão de obra feminina, provocou um lugar feminino, desta forma, elas passaram a reivindicar oportunidades iguais no trabalho, na educação, na política, bem como na igualdade de julgamentos morais.

Diante da necessidade de disciplinar a sexualidade feminina, era preciso expurgá-la, devido à mesma representava um risco à sociedade masculina vigente.

A mulher atual percorreu um longo caminho de resgate do corpo e do desejo, conquistando autonomia e liberdade que as sociedades comandadas por homens vinham lhes negando. No transcorrer do tempo, a função do sexo deixou de serem estritamente reprodutivos e novos valores ligados à sexualidade foram desenvolvidos.

Vitiello (1995), afirma que a sociedade impõe aos idosos a obrigatoriedade de apresentar uma disfunção orgástica, de excitabilidade e principalmente de desejo. Não somos capazes de aceitar manifestações eróticas entre os mesmos, e que sentimos algum tipo de desconforto ao imaginarmos um idoso se masturbando ou tendo fantasias sexuais.

O ato de envelhecer não necessariamente esta ligado ao fim do desejo sexual, mas, há mudanças pelas próprias limitações físicas isto não representa a não existência de intimidades, mas, devemos retirar o foco do sexo ser representada apenas através do contato sexual genital como uma única fonte prazer (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007).

A negação da sexualidade, das manifestações amorosas e a infantilização do idoso concorrem para que eles tenham dificuldades para se tornar mais independentes, bem como para desenvolver sua sexualidade e estabelecer relacionamentos, quaisquer que sejam.

Convém destacar que a idade não impõe limite para sentir prazer. Tanto homens quanto mulheres apresentam um estado emocional mais saudável quando estão envolvidos em relacionamentos íntimos e afetuosos.

Cada vez mais a longevidade vem sendo alcançadas pelo homem e apesar de mudanças físicas e hormonais podem ter uma vida sexual prologada proporcionando experiências prazerosas a permanecer na velhice, todavia de formas diferente a depender

das características pessoais (EIZIRIK, 2013).

É importante lembrar que o organismo humano com o passar dos anos modifica-se. Diminui a força muscular de todo o corpo, a vigor físico, e os tecidos vão perdendo elasticidade. Essas modificações têm uma importância particular para a fisiologia da sexualidade. É natural que a excitação se torna mais lenta tanto nos homens quanto nas mulheres, surgindo à necessidade maior de estímulos. Isso decorre do desgaste físico, que sabemos ser natural às idades mais avançadas. Entretanto, o interesse e o desejo sexual não estão associados à idade (CAPODIECI, 2000; DEBERT E BRIGEIRO 2012). Segundo Freud (1905), a libido existe no indivíduo desde que nasce até a morte.

Sobre as alterações acima referidas, é necessário que se tenha um conhecimento amplo e consistente. A falta dessa informação também pode ser causa importante da dessexualização das mulheres de idade mais avançada.

O envelhecimento não depende da idade cronológica do indivíduo. É importante que as pessoas saibam que todo ser humano tem direito a usufruir da própria sexualidade. Esta pode e deve ser vivenciada em todas as etapas da vida.

Os estereótipos atribuídos às pessoas idosas, como não sendo fisicamente atraentes, sem interesse por sexo, ou incapazes de sentir algum estímulo sexual, ainda são amplamente difundidos. Esses estereótipos, unidos à falta de informação, induzem a sociedade a uma visão equivocada a tudo que se refere ao sexo na velhice. Se bem que pessoas com idade avançada continuam a ter relações. Esta constatação é respaldada por numerosos estudos, que demonstram que não só é continua a atividade sexual, como essas pessoas alegam estar satisfeitas com seus respectivos parceiros (PAPALIAS, 2000, PASCUAL, 2002 PEIXER *et al*, 2015).

Os problemas sexuais que afetam os casais idosos não podem ser interpretados como incapacidade para a vida sexual, e sim como dificuldades inerentes à idade, que podem e devem ser tratados. No caso das mulheres, a expressão sexual pós-menopausa é influenciada pelo perfil hormonal, pela estrutura psicossocial e pela idade propriamente dita. Porém, os fatores psicossociais representam um papel preponderante na determinação do comportamento sexual, mais que os níveis hormonais. Por exemplo, para o senso comum, existe a ideia de que o idoso não tem desejo ou vida sexual (LOPES SOUZA *et al.*, 2010).

Acredita-se que a mulher para investir sua pessoa como genitalmente desejada, deve estar certa de que o seu corpo é sentido como atraente, por sua beleza, por sua vaidade, pelo o seu lado feminino existente, convidando o parceiro a conhecer mais a cerca de si própria (DOLTO, 1996).

Todavia, muitas mulheres ao finalizar o período de fecundidade, não se consideram esteticamente atraentes conseqüentemente, válidas como mulher. Dessa forma o vazio da infertilidade é representado muitas vezes pela falta do desejo, como se a maternidade fosse o único sinalizador da sua sexualidade.

Pesquisas sobre o tema nos apontam para uma diminuição da atividade sexual na

velhice estariam relacionadas tanto com as mudanças físicas do envelhecimento, como com as influências de atitudes e expectativas impostas pelo modelo social, assim como com fatores psicológicos próprios do idoso (RISMAN, 2005; SOUZA et al., 2010).

A própria atitudes do idoso diante das mudanças fisiológicas normais do envelhecimento os levam ao que diz certo ditado que diz: “envelhece-se como se viveu” e, de fato, o idoso terá maiores problemas de adaptação à sua condição de vida, quanto mais dificuldades de adaptação tiveram em tempos anteriores. Pesquisas em idosos de 60 a 80 anos verificou que os idosos que apresentam dificuldades sexuais, são oriundos dos mitos e tabus advindos de sua juventude (SCARDOELLI; FIGUEIREDO PIMENTEL, 2017).

De acordo com Masters e Johnson (1981), nossa sociedade costuma medir a atividade sexual segundo o coito e, como a frequência. Na velhice ocorre é menor frequência, muitos idosos optam, progressivamente, pela abstinência. Mas o coito não esgota as possibilidades sexuais. O que ocorre é que grande número de idosos se nega a modificar seus costumes, e não aceitam variar a atividade sexual. Além disso, muitas mulheres receberam um tipo de educação na qual se rejeitava a necessidade do prazer feminino, resultando no acanhamento e escassez com que elas tomassem a iniciativa da atividade sexual.

Diante de alguma doença crônica, mesmo que esta não afete diretamente à capacidade sexual, o medo e a atitude negativa ante os problemas da idade, limitam mais ainda a atividade sexual tanto dos homens como das mulheres. Outra limitação importante da sexualidade é a disponibilidade do (a) parceiro (a) e sua capacidade para manter relações sexuais (PASCUAL, 2002). Entre os idosos existe um desequilíbrio numérico a favor das mulheres, que representam dois terços da população de sua idade com menor disponibilidade de homens. Nesse caso, a ausência de atividade sexual se relaciona, diretamente, com a não existência de um parceiro estável.

A sociedade, por sua vez, não contribui para que as pessoas idosas possam manifestar livremente sua sexualidade, seja pelo contundente negativismo cultural no que diz respeito ao sexo na velhice, seja no reflexo de uma simples atitude de rejeição do indivíduo pelo fato de ser idoso. Como a sexualidade no idoso não pode ser associada à procriação, muitas vezes, até por questão religiosa, há uma tendência a negá-la ou, ao menos torná-la um tema tabu.

Muitas vezes esse peso da cultura se faz sentir no próprio idoso que pode se negar a relacionar-se com outros companheiros de mesma idade, inibindo assim qualquer manifestação sexual. Outro feito que possa ocorrer seja devido à pressão social é os sentimentos de culpa no indivíduo de idade avançada por experimentar desejos sexuais, o que inibirá os aspectos de qualquer expressão sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma população de idosos em situação crescente, estima-se que no Brasil o número de idosos triplicará nos próximos vinte anos. No ano 2025 será considerado o sexto país em números de anciões. Com esta tendência demográfica, nos leva a enveredar a um estudo mais aprofundado do comportamento do envelhecimento em todos seus aspectos social, cultural, fisiológico e também sexual.

A partir da revisão teórica do tema, chegamos a algumas ideias relacionadas à sexualidade na velhice. E constatamos que mesmo nos dias atuais, as mulheres homens, apresentaram traços de vivências repressoras recebidas na juventude negando a sexualidade por inibição ou controle exercido por uma sociedade que cobra uma Terceira Idade sem desejo colocando-as numa posição infantilizada.

Consideramos que os fatores biológicos do envelhecimento não são os maiores responsáveis pela redução do comportamento sexual. Todavia, fatores psicossociais parecem ser os maiores influenciadores da diminuição do comportamento sexual, e que a falta de informação, a falta de parceiros, e repertórios de comportamentos empobrecidos, limita a vida dessas pessoas na sua relação com o meio, e de viver sua sexualidade livremente.

Sexualidade constitui-se também sem relação sexual, pois permanecemos tendo desejos independentemente da idade, porém com maiores limitações em razão das alterações fisiológicas que, por vezes, dificultam um relacionamento mais íntimo. Entretanto, é possível descobrir outros prazeres, e adaptar-se à sua condição, e conseguir encontrar para cada problema um novo modo de viver.

A sexualidade, na velhice deve ter ritmos diferentes dessa sexualidade genitalizada, amplamente difundida em nossa cultura, devendo, portanto, haver uma revisão desse conceito, para que as pessoas possam envelhecer sabendo dos limites, mas, também das potencialidades que essa fase da vida possui desenvolvendo, comportamentos receptivos ao relacionamento afetivo e sexual.

Assim posto, entendemos que precisamos de mais trabalhos e em especial com a sociedade atual que vê o idoso como um ser assexualizado e, desmistificar esse assunto silenciado pelo preconceito social e tabu vigente. É necessário também um trabalho na rede de apoio social para oferecer orientações a essa população invisível.

REFERÊNCIAS

ABDO, C. H. N. **Sexualidade humana e seus transtornos**. São Paulo: Lemos 1998.

ALMEIDA, T.; MAYOR, A. S. O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In: STARLING, R. R.; CARVALHO, K. A. (Org.). *Ciência do comportamento: conhecer e avançar*. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2006. v. 5. p. 99-105.

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 101-113, jun. 2007.

ALENCAR, D. L. et al. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. Ciência & Saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 8, p. 3533-3542, 2012.

ALVARENGA, D.; BRITO, C. **1 em cada 4 brasileiro terá mais de 65 anos em 2060, aponta IBGE. 2018.**

ARAÚJO, J. D. Polarização Epidemiológica no Brasil. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 21, n. 4, 2012. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?lng=es&pid=S1679-49742012000400002&script=sci_arttext. Acesso em: 17 ago. 2019.

BARBOSA, A. **Sexualidade**. Ed. Departamento E. Medica. Lisboa: Faculdade de Medicina, 1998.

BRAZ, A. L. N. Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. *Psicologia para América Latina*, n. 5, 2006. Disponível em: <http://scielo>. Acesso em: ago. 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa [Internet]. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2006 [acesso em 10 abr. 2015]. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcad19.pdf>

OPS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Envelhecimento e saúde**. 2018. Disponível em <https://bit.ly/2nljxYd>. Acesso em abr 2019.

Bernardo R, Cortina I. Sexualidade na terceira idade. Rev Enferm Unisa [Internet]. 2012 [acesso em 20 mar. 2019];13(1):74-8. Disponível em: <https://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2012-1-13.pdf>

BRUNO, Z.V; BRUNO, Z.V. Os efeitos da idade sobre a sexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.9, n.1,1998.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia, 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

CAMARANO, A. A. "Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica". In: FREITAS, E. V. de et al. Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 2002. Cap.6, p.58-71.

CAPODIECI, Salvatore. **A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos**. Trad.: Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2000.

CARVALHO, Graça Simões; ALVES, Gilda. **Reprodução Humana e Sexualidade nos Manuais Escolares Portugueses e Moçambicanos**. Novas realidades, novas práticas : atas do Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde, 3, Braga : Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2007.

CECCARELLI, P. R. A patologização da normalidade. **Estudos de Psicanálise**. Aracajú, n 33, p. 125-136, Julho 2010.

COSTA, E. L.; OLIVEIRA, K. E. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG**. V. 2, n. 11, 2011.

DOLTO, F. **Sexualidade Feminina: Libido, Erotismo e Frigidez**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DEBERT, G.; BRIGADEIRO, M. Fronteiras de gêneros e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** v. 27, n.8, p. 37-54, out. 2012.

EIZIRIK, C. L. A velhice. In: EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FRANÇA, C. **Disfunções Sexuais**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.

FERNANDES, M.G.M.: **Problematizando o Corpo e a Sexualidade de Mulheres Idosas: o Olhar de Gênero e Geração**. Rio de Janeiro: Rev. enferm. UERJ, 2009 jul/set; 17(3):418-22.

FREUD, Sigmund. **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago Ltda, 1972. V. VII, 1905. In: A edição standard brasileira das obras psicológicas completa de Sigmund Freud.

IBGE. – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <www.ibge.com.br>. Acessado em: 31 março. 2019.

KAHHALE, E. M. P. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: NAVARRO, T. Corpo e sexualidade. A contribuição de Michel Foucault. IHU ONLINE: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, v. 335, 28 jun. 2010.

Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao335.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOPES, G. P.; MAIA, M. B. **Sexualidade e envelhecimento**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

MASTERS, W. H.; JOHNSON; V. E. **A conduta sexual humana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 187-213 .

Organizacao Mundial da Saude [OMS]. (2015). *Resumo: Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Disponível em <http://sbgg.org.br/wpcontent/uploads/2015/10/OMSENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>

PAPALIAS, Dianne E.; SALLY, Wendkos Old. **Desenvolvimento Humano**. 7ª edição Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PEIXE, T. C. *et al.* Sexualidade na terceira idade: percepção de homens idosos de uma estratégia de saúde da família. **Journal of Nursing and Health** v.5, n.2, p:131-40. 2015.

PASCUAL, P. C. **A sexualidade do idoso Vista com novo olhar**. São Paulo: Loyola, 2002.

RISMAN, A. Corpo – Psique – Sexualidade uma expressão eterna. In: VERAS, R. (Org. **A terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Rio de Janeiro: Relume – Dumara, 1999.

RISMAN, A. Sexualidade e terceira idade: uma visão histórico-cultural. *Textos sobre Envelhecimento*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2005.

SALLES, R. F. Sexualidade na terceira idade: desmistificando preconceitos. Congresso Nacional de Envelhecimento Humano, 2010, Campina Grande. Fernandópolis: Realize, v. 2, p. 1-16, 2010

SCARDOELLI, M. G. da C.; FIGUEIREDO, A. F. R.; PIMENTE, R. R. da S. Mudanças advindas do envelhecimento: sexualidade de idosos com complicações da diabetes mellitus. **Revista de Enfermagem da UFPE Online**, Recife; v.11, n. Supl 7, p:2963-2970, jul. 2017.

SHINYASHIKI, R. T.; DUMÊT, E. B. *Amar pode dar certo*. 143. ed. São Paulo: Gente, 2002.

STEARNS, P.N. **História da Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010

UCHÔA Y.DA S. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2016; 19(6): 939-949

VALAS, P. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Vieira KFL, Coutinho MPL, Saraiva ERA. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicol Cênc Prof*. 2016; 36(1):196-209

VITIELLO, Néelson. Um breve histórico do estudo da sexualidade humana. **Revista Brasileira de Medicina Edição Especial: Nov V55 - Ciber Saúde**, 1998. Disponível em: < http://www.drcarlos.med.br/sex_historia.html > Acesso em: 28. Ago.2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 1, 3, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 30, 36

Afetividade 66

B

Brasil 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 22, 23, 27, 34, 35, 41, 42, 47, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 108, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 151, 158, 165

C

Campanhas 10, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 138, 162

Capitalismo 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 132, 160, 161, 162, 163

Classe 28, 39, 62, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 129, 147, 161, 163, 164

Conflitos 1, 6, 22, 93, 94, 118, 156, 159

Costumbres 49, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 59

Cultura 2, 14, 17, 25, 26, 33, 34, 42, 46, 50, 55, 57, 60, 78, 115, 128, 134, 137, 140, 142, 144, 146, 151, 161, 166

Cultura do herói 140, 142, 144, 151

D

Desafios 1, 4, 8, 24, 138

Desigualdade de gênero 163

Direitos humanos 26, 48, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 150, 158, 163, 165

Discurso 16, 18, 57, 110, 111, 113, 115, 122, 123, 125, 126, 132

Dissidência 61, 64, 65

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 33, 35, 46, 82, 84, 110, 115, 124, 126, 129, 131, 134, 144, 147, 148, 149, 151, 166

Educação sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 124

Envelhecimento 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 48, 129, 166

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 93, 115, 128, 141, 145, 151, 155, 157

Etnia 55, 56, 72, 84

F

Família 2, 3, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 61, 63, 74, 90, 91, 93, 99, 100, 101, 145, 146, 148, 155, 156, 157, 160, 161, 166

Feminino 4, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 45, 80, 118, 124, 130, 141, 143, 146, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 164

Feminismo 39, 51, 52, 60, 78, 81, 84, 85, 91, 92, 95, 147, 151, 152, 162

G

Gênero 4, 6, 14, 17, 19, 22, 26, 30, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 91, 94, 95, 96, 108, 110, 112, 116, 117, 118, 121, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166

H

Homossexualidade 3, 118, 123, 124, 125, 132, 136

I

Identidade 4, 6, 9, 12, 22, 65, 68, 77, 115, 128, 129, 130, 139, 141, 142

Igualdade de gênero 22, 108, 129, 130, 140, 141, 142, 150, 152

Interseccionalidade 67, 68, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 93

J

Jovens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 40, 43, 44, 46, 117, 123, 143, 144

Juventude 11, 33, 34, 39, 166

L

Lesbianidade 61

LGBTQIA+ 5, 110, 111, 112, 113, 115, 124

Liberdade reprodutiva 98, 99, 102

M

Masculinidades 65, 118, 121, 147, 151, 152, 153

Masculinidade tóxica 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

Mitos 25, 29, 30, 33

Modos de criação 140

O

Opressão 29, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 130,

157, 158, 161

P

Patriarcado 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 147

Pessoas trans 128, 129, 130, 138

Política 31, 40, 46, 51, 60, 63, 75, 79, 81, 88, 90, 96, 103, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 157, 158, 160

Políticas públicas 4, 5, 10, 11, 12, 40, 51, 59, 82, 85, 125, 129, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 142, 155, 158, 164

População 27, 28, 33, 34, 35, 40, 42, 46, 80, 81, 82, 90, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 146, 147, 150, 158, 160

Prevenção 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 106, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 126

R

Raça 39, 62, 72, 77, 78, 79, 84, 85, 92, 128

Reprodução assistida 97, 98, 100, 101, 108, 109

Rupturas 49, 56, 132

S

Saúde 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 77, 82, 96, 100, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 145, 151, 152

Sexo 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 68, 72, 77, 78, 80, 83, 92, 100, 101, 109, 111, 114, 117, 118, 125, 138, 141, 158, 160, 161

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 62, 63, 64, 92, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 141, 150, 165, 166

Sociedade 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 103, 105, 111, 114, 120, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 160, 161, 163, 166

T

Tabus 1, 2, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 121

Tecnologias da informação e comunicação 38, 40, 42, 46

Tecnologias digitais 38, 47

Terceira idade 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 46

Transexualidade 127, 129





Transfobia 127, 128, 130, 138

Travesti 61, 62, 63, 65, 111, 127, 139





V

Velhos 41, 43, 44, 46

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br